

T e m p o

Diz-me o corpo, ao findar a jornada terrena:
 — Deixa-me agora em paz! Não me prendas assim!
 — Tempo!... Anseio mais tempo — exoro, vendo o fim,
 Enquanto a morte ausulta a dor que me envenena.

Eis que o Tempo perdido, em pranto, surge à cena!...
 Imploro: «Ah! Tempo amigo, abeira-te de mim,
 Quero voltar contigo à estrada de onde vim,
 Para amar e servir, segundo a Lei me ordena!...»

Ele, porém, não ouve e afasta-se em surdina...
 — Vamos! — concita a morte — a luta não termina,
 Não me atrases mais tempo à força de teus ais!...

— Onde o Tempo? — clamei, e a morte me elucida:
 — Tudo terás de novo, o recomeço, a vida,
 Mas Tempo gasto em vão, nunca mais! nunca mais!...

JOSÉ CIRILO DAS CHAGAS

Renascença da alma

(Versos de carinho e gratidão a um chefe e amigo de outras reencarnações, que hoje reencontrei, sob o amparo de um manicômio.)

Lembro-te, Soberano, as incursões bizarras...
 Ordenas invasões... Feres, vences, dominas!...
 Deixas a estrada em fogo, os castelos em ruínas,
 Agonia e pavor nas terras onde esbarris!...

Tudo a morte levou... Os troféus e algazarras,
 As armas, os brasões e as tropas libertinas...
 E encontrei-te, hoje, oh rei!... Clamas e desatinas,
 Reencarnado no hospício a que, louco, te agarras...

Dói ver-te inerme, assim, livido e descomposto
 Na laje celular por trono de recosto!...
 Mas louva as provações, ditoso por sofrê-las!...

Findo o resgate justo, um dia, tempo afora,
 Terás de novo um reino e os amigos de outrora,
 Nos impérios do amor, para além das estrelas!...

EPIPHANIO LEITE